

## **Brasileiro faz plano de banda larga dos EUA**

**4 de outubro de 2009**

O brasileiro Carlos Kirjner, nomeado pelo presidente Barack Obama para o cargo de conselheiro do diretor-geral da Comissão Federal de Comunicações (FCC na sigla em inglês), a agência americana reguladora das comunicações, lidera uma equipe de mais de 200 especialistas na elaboração do trabalho de definição das políticas, regras e recomendações que serão as bases do plano nacional de banda larga dos Estados Unidos.



Em entrevista exclusiva a esta coluna, concedida na semana passada, Carlos Kirjner previu total integração entre as infraestruturas de

redes com fio e sem fio nos Estados Unidos.

No momento em que o governo brasileiro prepara seu plano nacional de banda larga, cogitando até reativar a Eletronet e ressuscitar a velha Telebrás, é oportuno conhecer as linhas gerais e a estratégia do plano americano, que deverão ser

## Assista & Reflita do Club 33

sugeridas ao Congresso dos EUA pela equipe de especialistas liderada por Kirjner.

O plano de banda larga não propõe a criação de nenhuma empresa estatal para operar os novos serviços. A supervisão de todas as etapas de execução do plano caberá a uma comissão governamental. Tudo o mais será feito pela iniciativa privada, financiada por estímulos fiscais e modelos de parceria público-privada (PPP), com investimentos globais da ordem de US\$ 10 bilhões, além da oferta abundante de espectro de frequências e convergência de objetivos.

A característica principal do plano americano será a integração das redes com fio e sem fio. A elaboração do projeto foi determinada pelo Recovery Act, de fevereiro passado, quando o Congresso dos EUA aprovou o orçamento de US\$ 800 bilhões para recuperação geral da economia do país.

Segundo prevê Kirjner, o plano a ser submetido ao Congresso no dia 17 de fevereiro de 2010 deverá ter grande repercussão sócioeconômica em todas as áreas de telecomunicações fixas e móveis, TV aberta e por assinatura, e dará novos rumos a esse setor nos Estados Unidos nos próximos anos. Somente em 2009, o governo Obama está oferecendo US\$ 7,2 bilhões em estímulos para acelerar a universalização da banda larga em todo o país.

## Assista & Reflita do Club 33

Formado pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e com doutorado na Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos, Carlos Kirjner tem longa experiência profissional nas áreas de telecomunicações e tecnologia da informação.

### **OBJETIVOS**

O primeiro objetivo do plano americano é a universalização da banda larga. O segundo é o aumento do uso da banda larga pelos cidadãos e empresas. O terceiro é a aplicação de avanços tecnológicos que beneficiem diretamente a educação e a saúde.

“Prevê-se a utilização tanto da banda larga fixa quanto da banda larga móvel e qualquer outra modalidade que venha a surgir”, diz Kirjner. “Mas é essencial que o plano assegure conexão em banda larga a preços realmente acessíveis. Além disso, é preciso que essa política e os serviços de banda larga em geral contribuam permanentemente para a consecução dos objetivos nacionais nas áreas de saúde, educação, energia, segurança nacional e oportunidades de trabalho.”

Uma das áreas prioritárias que será, com certeza, muito beneficiada pela banda larga nos Estados Unidos será a de telemedicina. “Com a nova rede nacional, um médico poderá transmitir arquivos de muitos megabytes de uma zona rural para

## Assista & Reflita do Club 33

grandes centros, para que se possa fazer um diagnóstico de imagem no menor tempo possível”, exemplifica Kirjner.

### **OS EXCLUÍDOS**

“Embora 63% dos adultos americanos tenham hoje acesso à banda larga”, prossegue Kirjner, “a exclusão digital ainda é muito elevada entre as camadas mais pobres, as minorias étnicas e os idosos. Por isso, o grande objetivo do plano é universalizar o acesso à banda larga num período relativamente curto.”

Nos Estados Unidos, a maioria dos domicílios e empresas dispõe de acesso à internet em banda larga, em duas plataformas: com fio (operadoras de telecom e provedoras de TV a cabo) e sem fio. Os investimentos em redes de fibra óptica são enormes. Chegam a dezenas bilhões de dólares por ano, segundo Kirjner.

“A velocidade média nominal da banda larga do assinante americano é de 6 megabits por segundo (Mbps). Mas a velocidade real, efetiva, é de 3 Mbps. Essa defasagem é um fenômeno mundial. Estimamos que, nos próximos anos, a velocidade média vai subir muito.”

Kirjner diz que a comissão que chefia não pensa na criação de nenhuma empresa pública ou estatal para operar a rede americana de banda larga. “A universalização nos Estados Unidos é conseguida

## Assista & Reflita do Club 33

por intermédio das empresas privadas. Assim, pensamos em criar um ambiente que as estimule ao máximo a investir e a inovar o quanto for possível na criação de uma rede de banda larga avançada para a maioria da população americana. Não nos definimos por subsídios. Ainda é muito cedo. Daqui a alguns meses, poderemos definir com maior precisão que tipos de estímulo serão oferecidos. Mas, é bom lembrar que há muitos mecanismos de incentivo. Na realidade, o governo dispõe de vários insumos para fazê-lo. O primeiro deles é espectro. E vamos tentar liberar o máximo de banda de frequência para o mercado. Com isso, o custo de implantação das redes tende a cair.”

### **NOVO PARADIGMA**

Carlos Kirjner relembra que, até há poucos anos, banda larga era um luxo. Hoje, por exemplo, a maioria das universidades só aceita matrículas e candidaturas de funcionários via internet, online. Das 500 maiores empresas da lista da revista Fortune, 87% só aceitam currículos online. “A exclusão digital aqui nos Estados Unidos está em vias de tornar-se um problema social realmente grave. É para superar esse desafio que estamos elaborando o plano nacional de banda larga.”

Vale lembrar que a FCC, como órgão regulador, cobre todas as modalidades de comunicações eletrônicas: telefonia, radiodifusão, TV por assinatura, TV via satélite, internet, conteúdos

## Assista & Reflita do Club 33

diversos, mídia e jornais. Não abrange, entretanto, a área dos correios, que tem agência própria.

“Uma das coisas mais positivas da FCC”, avalia Kirjner, “é a sua competência para fazer propostas regulatórias, assim como recomendações ao Poder Executivo e ao Congresso. A Lei de Comunicações dos Estados Unidos é de 1996, aprovada em substituição à lei anterior, de 1934. Na opinião de diversos observadores, a Lei de 1996 já precisaria de alguns ajustes, diante de tantas transformações na tecnologia e no mercado.”

Nos Estados Unidos, existe a mesma disputa entre os operadores de banda larga das empresas de telefonia celular, de um lado, que defendem a evolução para a quarta geração (4G), e, de outro, os operadores de banda larga com a tecnologia WiMAX. Essa competição, no entanto, não envolve a FCC, pois as frequências são leiloadas sem vínculo a uma tecnologia determinada: “Como é tradição americana, cabe ao mercado definir o que é melhor em matéria tecnologia para os serviços de banda larga. Não cabe ao governo definir previamente que tecnologia será vencedora. E, nesse caso, tudo parece indicar que ambas as tecnologias irão convergir”.

Fonte: O Estado de S. Paulo – coluna Ethevaldo Siqueira